

# **Dr. Jim Spiegel, Filosofia da Religião, Sessão 4, Argumentos Teístas, Parte 3, O Argumento Ontológico**

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 4, Argumentos Teístas, Parte 3, O Argumento Ontológico.

Certo, então agora vamos voltar nossa atenção para outro argumento teísta conhecido como Argumento Ontológico para a Existência de Deus.

Foi criado por Santo Anselmo no século XI, e esse argumento é único. É um argumento a priori. É um argumento para a existência de Deus, que não apela a nada no sentido de experiência como os outros argumentos para a existência de Deus.

Este começa apenas com o conceito de Deus como um ser perfeito, como um ser que é o maior ser que podemos conceber, e de acordo com Anselmo e outros defensores do argumento desde então, isso pode fornecer bases suficientes para acreditar que tal ser existe. Versões do Argumento Ontológico foram defendidas por muitos outros filósofos, de René Descartes a filósofos do século XX, como Norman Malcolm, Charles Hartshorne e Alvin Plantinga. Veremos a versão original do argumento de Anselmo ou duas versões do argumento que ele criou, e então veremos a versão modal do Argumento Ontológico de Plantinga também.

Então, Anselmo foi provado por mera reflexão sobre a ideia de Deus. Era algo sobre o qual ele tinha uma espécie de intuição muito antes de realmente conceber o argumento em si, de que tal argumento deveria ser possível. Eventualmente, ele desenvolveu esse argumento, e ele é apresentado em duas formas diferentes em sua obra chamada Proslogium .

Então ele começa com a ideia, como ele coloca, daquilo do que nada maior pode ser concebido. Um ser do que nada maior pode ser pensado. Então, vamos chamar esse ser, G para abreviar, um ser do que nada maior pode ser concebido.

A segunda premissa do argumento é que o que existe na realidade, e não apenas na minha mente, é maior do que o que existe apenas na minha mente. Afinal, se alguém lhe oferecesse essas opções para comer uma pizza que é apenas o pensamento de uma pizza, um conceito de, digamos, sua pizza favorita, prato fundo, calabresa, salsicha ou o que você gosta na sua pizza, mas apenas o pensamento dela, em oposição a uma pizza real que foi comprada na Pizza Hut, qual você escolheria se

estivesse realmente com fome? Você vai escolher a pizza real. Por quê? Porque é real.

A pizza real é maior do que o mero pensamento da pizza, não importa quão elevados sejam seus pensamentos ou sonhos sobre a pizza ideal. É melhor ter a coisa real, a realidade. Quando você está falando sobre coisas boas, a realidade é sempre maior do que um conceito, que é uma mera ideia.

Então, o que existe na realidade é maior do que o que existe apenas na mente de alguém. Agora, se G, ou aquilo do que nada maior pode ser pensado, existisse apenas na minha mente, então não seria aquilo do que nada maior pode ser pensado porque eu posso conceber esse ser, esse ser maior possível, existindo na realidade e não apenas na minha mente.

Então a ideia de Deus, ou aquilo do qual nada maior pode ser pensado, deve, devemos estar falando sobre um ser que realmente existe se estamos pensando se estamos realmente tentando conceber um ser que é o maior ser concebível porque é maior existir na realidade do que apenas na mente do que este ser que estou concebendo, mesmo se eu for ateu ou agnóstico. Tenho que admitir, de acordo com Anselmo, que este ser existe na realidade também se eu estiver realmente pensando consistentemente sobre um ser do qual nada maior pode ser concebido.

Então, para evitar uma contradição, preciso admitir que esse ser existe na realidade. Seria contraditório para mim dizer que esse é o maior ser concebível, tem todas essas perfeições e, ainda assim, não existe. Porque existir é uma perfeição.

Se estou concebendo isso como algo consistente, tenho que admitir que existe na realidade. Porque existir na realidade é uma perfeição. É uma ótima qualidade de fazer.

Então, a conclusão é que aquilo então que nada maior pode ser concebido deve existir na realidade. Deus existe. Ele está prosseguindo com a suposição de que Deus é aquele ser então que nada maior pode ser concebido.

Então, essa é a primeira versão do argumento ontológico. Agora, ele tem outro argumento ou outra forma do argumento ontológico, que é um pouco diferente. Começa com a premissa de que é possível conceber um ser que não pode ser concebido e não existir.

Anselm lhe perguntaria , você consegue imaginar um ser cuja não existência é inconcebível? Ou, como Wallace Sean no grande filme The Princess Bride diria com seu ceceio lateral, é inconcebível. Seria inconcebível ter um ser cuja não existência é possível. Se é o maior ser, o maior ser possível teria que ser tal que sua não existência seria inconcebível.

Você consegue imaginar um ser cuja não existência não pode ser imaginada? Anselmo está assumindo que, sim, você consegue imaginar isso, um ser cuja não existência é inconcebível. Bem, a próxima pergunta então é, esse ser existe? Existe um ser que responde a essa descrição? Um ser cuja não existência é inconcebível? Um ser que não pode ser concebido não existe. Esse ser existe na realidade? Agora, se você já admitiu que pode conceber esse ser, então isso quer dizer que você acredita que é possível.

Agora a questão é, você acredita que ele realmente existe? Se você disser sim, então ok, bem, então você admitiu que o teísmo é verdadeiro. Se você disser não, você se contradisse porque você acabou de me dizer que acredita que um ser cuja não existência é inconcebível não existe, o que significa que você está concebendo que esse ser não existe. Você acabou de me dizer que é um ser tal que você não pode conceber sua não existência, então você não pode ter as duas coisas.

Se você está pensando em um ser cuja não existência é inconcebível, então você tem que dizer não, ele deve existir porque eu acabei de admitir que sua não existência é algo que não pode nem ser concebido. E se não pode ser concebido, então não é possível. Então, esse ser, G, não pode ser concebido como não existente; portanto, ele deve existir necessariamente.

Então, esta é uma versão modal, assim chamada, do argumento porque tem a ver com a necessidade lógica de que este ser necessariamente exista. Ele não pode existir. Então, esta é a outra versão do argumento de Anselmo, o assim chamado argumento ontológico. Anselmo não o nomeou; Kant o nomeou em sua Crítica da Razão Pura, ele também nomeou o argumento cosmológico e o argumento teleológico, e ele o nomeou argumento ontológico.

O que devemos dizer ao argumento ou argumentos de Anselmo? Houve um contemporâneo de Anselmo chamado Gaunilo que tentou refutar o argumento de Anselmo e, ao fazê-lo, ele usou a analogia da ilha perfeita. Posso imaginar uma ilha perfeita com todas as coisas que você quer em uma ilha tropical. Você tem água limpa e clara, uma praia bonita, você tem palmeiras, sombra suficiente, você tem frutas tropicais, cocos, abacaxis e a temperatura, digamos, de 25 a 29 graus Celsius, talvez 27 graus Celsius, talvez parcialmente nublado todos os dias, e muita companhia com pessoas maravilhosas na ilha.

Podemos continuar falando sobre o quão grande é essa ilha, mas só porque você consegue imaginar essa ilha perfeita não significa que ela realmente exista. Então, essa é a reclamação de Gaunilo. A resposta de Anselmo basicamente diz que seu argumento não funciona realmente com tipos particulares de seres.

Só vai funcionar se você estiver falando sobre aquele ser do qual nada maior pode ser concebido, porque é somente ali que você pode chegar à conclusão de que ele deve ter essa qualidade adicional de existência grandiosa. Então, só funciona para aquele ser do qual nada maior pode ser pensado. Você não pode aplicá-lo a coisas particulares como ilhas, automóveis ou pizzas, mas isso é um pomo de discórdia até hoje.

Críticos do argumento insistem que, não, Gaunilo está certo. Deve haver algo errado com o argumento porque parece que você poderia potencialmente provar a existência de qualquer coisa, unicórnios ou o que quer que seja, apenas dizendo que estou imaginando a melhor versão dessa coisa. Então, há uma objeção na resposta de Anselmo.

Outra grande objeção a esse argumento vem de Kant muitos séculos depois. Essa é provavelmente a crítica mais citada do argumento de Anselmo, e é a reclamação de Kant de que a existência não é um predicado real. Não é o tipo de coisa que atribuímos a algo.

Em vez disso, a existência é pressuposta sempre que predicamos, sempre que dizemos, descrevemos ou atribuímos qualidades às coisas. Então, se alguém me pedisse para descrever um relógio na parede desta sala em particular, eu poderia dizer, bem, é um relógio 24 horas. Ele tem algarismos romanos dispostos simetricamente em seu mostrador.

Tem um ponteiro de minutos. Ele existe. Tem uma borda marrom.

Está na parede leste. Essas são descrições bem naturais da coisa, exceto por uma coisa que eu disse lá quando adicionei que ela existe. Isso pareceria estranho, certo? Porque estamos tomando como certa a existência do relógio que me pediram para descrever.

Sempre que você atribui qualidades às coisas, você está assumindo que elas existem desde o início. Então, quando falamos sobre Deus, Kant mantém e descreve Deus, um ser potencial, se você é agnóstico, como sendo, digamos, onipotente ou onisciente, estamos assumindo que ele existe, mesmo que apenas para fins de argumentação. Não é o tipo de coisa que você pode adicionar ao conceito.

Você já está assumindo sua existência. Agora, um empurrão para essa crítica é que a existência nem sempre é assumida quando predicamos coisas. Se eu disser que o Dr. Doolittle ama animais, ou Merlin é um mágico, ou Pégaso voa, unicórnios têm chifres.

Não estou assumindo que essas coisas existam. Estou descrevendo objetos imaginários ou fictícios. Então, existência pode ser um predicado, certo? Então,

posso dizer que o unicórnio tem um chifre, e, na verdade, neste caso, ele realmente existe.

Estou acrescentando algo ao conceito ali ao falar sobre um unicórnio que eu afirmo ser realmente real. Por que não posso fazer a mesma coisa quando se trata de Deus? Então, Anselmo, em seu argumento, tem algumas objeções. Em tempos mais recentes, vimos algumas versões mais sofisticadas do argumento ontológico defendidas por vários filósofos.

No século XX, mencionei Norman Malcolm. Ele tem uma versão do argumento. Charles Hartshorne e vários outros teólogos de processo defenderam versões do argumento.

Alvin Plantinga criou uma versão modal do argumento que recebeu muita atenção e trabalha com análise de mundos possíveis. Ela gira em torno do conceito de mundos possíveis e pode ser resumida assim. Então, a primeira premissa é um pouco de simplificação do argumento dele, mas acho que captura a essência da afirmação dele aqui.

A primeira premissa é que há um mundo possível no qual um ser maximamente grande existe. Isto é, um ser que é onipotente, onisciente, perfeitamente bom, e assim por diante. Há um mundo possível no qual um ser maximamente grande existe.

A segunda premissa é que a grandeza máxima implica ter a excelência máxima em todos os mundos possíveis. Então, para ser um ser maximamente grande, um ser teria que não apenas ter todas essas qualidades em certos mundos possíveis, mas teria que tê-las, teria que existir em um certo mundo possível, em um certo mundo possível, em todos os mundos possíveis. Não apenas alguns mundos possíveis.

Então, se um ser maximamente grande existe em algum mundo possível, então esse ser existe em todos os mundos possíveis. Bem, adivinhe? Nosso mundo é um mundo possível. O mundo real é um mundo possível.

Então, se um ser maximamente grande existe em todo mundo possível, se ele existe em algum mundo possível, então um ser maximamente grande deve existir neste mundo. Se ele existe em todos os mundos possíveis, este é um mundo possível. O ser maximamente grande deve existir neste mundo possível.

Portanto, existe um ser que é maximamente grande, que é onipotente, onisciente, perfeitamente bom, e assim por diante. Então esse é o argumento ontológico de Plantinga. Claramente, a premissa-chave aqui é que há um mundo possível no qual um ser maximamente grande existe.

Ou seja, é possível que um ser maximamente grande possa existir em algum mundo possível. Plantinga toma como uma suposição justa que, para ser um ser maximamente grande, um ser teria que existir em todos os mundos possíveis. Mas essa primeira premissa é a chave, que é possível que possa haver um ser maximamente grande.

Esse tem sido um ponto de grande discórdia quando se trata de discussão desse argumento entre acadêmicos. Kenneth Hema e outros desafiaram essa primeira premissa, de que o conceito de um ser maximamente grande, eles argumentaram, é incoerente. CD Broad também levantou isso; Jean-Paul Sartre e outros tentaram notar certas contradições entre atributos divinos ou o que é entendido como qualidades de grandeza, como entre onipotência e onisciência.

Um ser onipotente poderia fazer um ser livre, presumivelmente. Vamos tomar isso como certo. Um ser onisciente saberia os estados passados, presentes e futuros de todas as pessoas que ele fez.

Mas então, nesse caso, parece que mesmo um ser onipotente não poderia fazer um ser livre se também fosse onisciente porque ele saberia todos os estados futuros que vão acontecer ou ocorrer na vida desse ser que tentou fazer livre. Se os estados futuros e as condições futuras de um ser em particular fossem conhecidos com antecedência, então isso implicaria que ele não era realmente um ser livre porque seus estados futuros não poderiam ser conhecidos com antecedência se ele fosse realmente livre. Esse tipo de argumento foi proposto por vários filósofos para tentar mostrar que nenhum ser poderia ser onipotente e onisciente.

Você tem atributos divinos incompatíveis aí. Não acho esse argumento em particular convincente, por um lado, nesse caso, porque não compartilho dessa definição de liberdade. Muito vai girar ou girar em torno de sua compreensão do que é o livre-arbítrio.

Você teria que ter uma visão particular sobre a liberdade, um tipo particular de visão libertária, para que esse argumento funcionasse. Mas quem disse que essa visão particular da liberdade está correta? Isso tende a ser um problema que assola diferentes versões desse tipo de argumento, tentando mostrar a incoerência dos atributos divinos, especificamente onipotência e onisciência, e voltando a Sartre, entre outros filósofos que tomaram esse caminho.

Então, eu diria que ninguém demonstrou conclusivamente, decisivamente, que há incoerência real quando se trata desses atributos divinos, qualquer um dos atributos divinos. Não acho que isso tenha sido provado. Então, acontece que eu acho que o argumento de Plantinga é muito forte, mais forte do que o argumento original de Anselmo.

Mas certamente continua a ser alimento para o pensamento e o assunto de muito debate na filosofia contemporânea da religião, o argumento ontológico.

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 4, Argumentos Teístas, Parte 3, O Argumento Ontológico.